



A VONTADE DO SABER: A CONSTRUÇÃO DA VISÃO SOBRE A (IN) EXISTÊNCIA DAS PESSOAS TRANS EM SOCIEDADE A PARTIR DE UMA ÓTICA FOUCAULTIANA

Ariane Moreira de Senna ¹

RESUMO

Este artigo busca refletir sobre a construção das subjetividades existentes para com as pessoas trans. Para isso, apresenta-se teorias de Sigmund Freud e Michel Foucault, dois principais teóricos que tiveram e nos levam a refletir sobre influências de tais construções. A partir disso busca-se problematizar sobre o que pensam das transexualidades e travestilidades como um problema e desordem social, de quando a sexualidade se torna um problema e por quê? Com isso, será apresentado o aparecimento da categoria homossexual e seus desdobramentos que levaram mais tarde a construção de outras categorias patologizantes como o transexualismo e a transexualidade. Ao final, será discutido, a partir de uma visão Foucaultiana, o entendimento sobre formações de tais categorias bem como de suas aplicações e manutenções a fim de obter a legitimação do poder sobre alguns corpos em sociedade.

Palavras-chave: Sexualidades, Transexualidades, Travestilidades, Subjetividades, Patologização.

INTRODUÇÃO

Este artigo busca refletir sobre a percepção social subjetiva construída sobre as pessoas trans. Para isso apresenta-se teorias de Sigmund Freud e Michel Foucault, dois principais teóricos que tiveram e nos levam a refletir sobre influências de tais construções. Na busca de entender as visões desses teóricos faz-se importante perceber o tempo e local de fala vivenciado por ambos. Enquanto o primeiro é visto como alguém pessimista, marcado por um período de guerras, sendo judeu, tendo que se exilar e a viver em Viena, uma sociedade conservadora², o segundo é lido por muitas pessoas como um autor ligado a uma perspectiva muito liberal e contra o marxismo. Assim como Freud, as obras de Foucault também são marcadas pela sua trajetória de sua vida, escreveu a história da loucura porque na sua juventude foi internado e a

¹Mestranda em Estudos Étnicos e Africanos pelo Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia – POSAFRO/ UFBA, psicologia_arianesenna@yahoo.com.br;

² Ver mais sobre a trajetória pessoal e profissional de Sigmund Freud na única gravação feita por ele mesmo: <<https://www.youtube.com/watch?v=y1dGzfQgNAA>>. Acesso em: 09/05/2019.



história da sexualidade devido a sua orientação sexual de homem gay e a busca de entender as implicações que advinha dela em sociedade³.

Busca-se problematizar sobre o que ambos pensam das transexualidades e travestilidades como um problema e desordem social, o que contribuiu e contribui como um impacto diretamente nas subjetividades das pessoas trans. Pretende-se refletir, sobre a modificação da produção de conhecimento em relação a gênero e sexualidade. Como se pensou sexo e gênero em um período e estar se pensando hoje? Quando a sexualidade se torna um problema e por quê? Diante disso, refletimos sobre o aparecimento da categoria homossexual e um percurso de criação de nomenclaturas patologizantes como o transexualismo. Na busca de problematizar tais questionamentos, será utilizado como base uma visão Foucaultiana que interessa-se em estudar as heterotopias, em contraposição as utopias (coisas que não existem e esperamos que aconteçam), as heterotopias existem e estão nesse mundo, são os espaços como os asilos, prisões e cenatórios, hospitais, entre outros que a sociedade reservam para isolar “pessoas que não são sadias”.

Diante disso, analisa-se o contexto sob a visão de uma luta pela produção do saber que legitima o de uns e excluem e perseguem o de outros, interessando-se pelo o que Foucault chamou de genealogia, um termo que busca entender o surgimento de determinado discurso, como um método que se interessa as emergências do discurso de saber e então, compreender o que ele apontou como o controle sobre a vida ou o Biopoder, poder este que está sempre estabelecido nas relações entre as pessoas e as coisas. Em suma, entende-se que onde há poder há resistência a esse poder. Este trabalho reflete isso uma vez que é escrito por uma mulher trans, negra e periférica que assim, contribui para mudar e/ou repensar as teorias sobre gênero e sexualidade.

METODOLOGIA

O trabalho consiste em revisão bibliográfica e análise sistemática das produções científicas levantadas. Como uma primeira etapa apresentamos o levantamento bibliográfico das obras de Sigmund Freud através do seu clássico “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“o caso Dora”) e outros textos” que tem por finalidade levantar uma discussão inicial da sexualidade sob o saber biomédico e da psiquiatria, grandes

³ Ver mais sobre Michel Foucault na gravação feita com suas próprias imagens e falas em: < <https://www.youtube.com/watch?v=Xkn31sjh4To>>. Acesso em: 09/05/2019.

responsáveis pela visão preconceituosa e estereotipada pela perseguição as crianças e aos homossexuais que ocorre posterior a publicação de tais obras. A partir disso, levanta-se escritas de psicólogos e psicanalistas pós-freudianos que contextualizam e analisam as obras de Freud com uma outra concepção do referencial teórico de pesquisa.

No segundo momento apresentamos o levantamento das obras de Michel Foucault como “A história da sexualidade I: A vontade de saber” e “Os anormais: curso no collége de France 1974- 1975” que analisa as produções sobre a sexualidade não apenas feitas pela psicologia e psiquiatria mas toda a área do saber biomédico e do direito, grandes responsáveis pela inclusão, manutenção e legitimação do poder de uns corpos sobre outros. A partir de tais análises, refletimos sobre o impacto que esse poder legimitado para uns, reflete diretamente para a percepção que atualmente temos para com as travestilidades, transexualidades e pessoas não binárias.

DESENVOLVIMENTO

A patologização como alternativa de nomear os que “destoam da norma”.

Freud (1905) escreve sobre a sexualidade infantil, ainda na primeira infância que, atinge um segundo pico, que perpassa pelos 3 a 4 anos de idade, atingindo o período de latência. Pontua que, é a partir desse momento que, com a educação civilizatória, a criança que outrora vivenciava de forma livre sua sexualidade polimorfa, passa a vivenciar os sentimentos de culpa, repressão e nojo, o que passa conseqüentemente por processos inibitórios, sublimação e outros mecanismos de defesas que a criança encontra para lidar com os ensinamentos dos adultos.

De acordo Freud (1905) no desenvolvimento humano, a criança passa por algumas fases que trazem o prazer sexual como a fase oral e a fase anal. Nessa última, a criança, intencionalmente retém a massa fecal para servir como algo masturbatório na região do ânus e, no caso de crianças maiores, a utilização do próprio dedo para auxiliá-la nessa masturbação. A outra zona erógena que o autor apresenta é a genital que, pertence aos órgãos sexuais e diz respeito ao início da vida sexual propriamente dita. Assim o autor apresenta fases da masturbação infantil onde a primeira era o ato de sucção do leite materno, a segunda que se dá por volta dos quatro anos de idade e, a terceira que corresponde a masturbação da puberdade. “As atividades sexuais dessa zona erógena, que pertence aos órgãos sexuais propriamente ditos, são o começo da futura vida sexual “normal”. (FREUD, 1905, p.94) Assim pela primeira vez,

ocorre uma afirmação da existência de uma sexualidade na infância constatando que já ocorre uma sexualidade nas crianças através de sua teoria e provocando a posterior uma perseguição à sexualidade infantil.

Em seu outro texto intitulado “A aberração sexual” Freud (1905) traz a concepção de necessidades sexuais como instinto sexual. Com analogia a fome, emprega a palavra instinto, trazendo conceitos como objeto sexual para denominar a pessoa pela qual o indivíduo sente atração e meta sexual para referir-se a ação que o indivíduo tem sob o objeto desejado como a união sexual. Com isso, aponta sobre os desvios sexuais em que contradiz o que a teoria popular do instinto sexual diz sob o homem e a mulher como metade um do outro, afirmando que existem homens que tem como objeto sexual outros homens e, mulheres outras mulheres sendo chamados de contrasexuais ou invertidos.

Apresenta a diversidade dos comportamentos dos invertidos como: sendo absolutamente invertido (ter o objeto sexual do mesmo sexo), invertidos anfígenos (uma espécie de hermafrodita psíquico em que o desejo sexual poderá ser por pessoas de ambos os sexos, o que entendemos hoje como bissexualidade), invertidos ocasionais (na inacessibilidade do objeto sexual e a imitação, pode tomar uma pessoa do mesmo sexo como objeto sexual) o que entendemos hoje como um ato sexual que acontece em condições externas pela compulsoriedade heterossexual.

Sobre essas inversões, Freud (1905) aponta que elas variam em julgamento dos indivíduos, enquanto uns acreditam que se trata de uma libido igual a de “indivíduo normal” e que deve ser legítima enquanto qualquer outra, outros acreditam ser uma obsessão patológica. Variam também quanto ao tempo. Para o autor, alguns percebem desde o início e grava em sua memória, outros sentem apenas na puberdade e depois desaparece retornando também na vida adulta ou não retornando mais e, outros sentindo apenas tardiamente na vida, depois de um grande “período de atividade sexual normal.

A visão de sua teoria então nomeia, rotula e possibilita uma exclusiva interpretação de vivência homossexual e até mesmo transexual e travesti, que para ele seria um desvio específico quando define o tipo de inversão que faz com que um homem se sinta pertencente a um corpo de mulher. Nesse sentido, o autor aponta dois comportamentos de invertidos: “O do homoerótico no sujeito, que se sente e se comporta como mulher, e o homoerótico no objeto que é viril e apenas troca o objeto feminino por um do mesmo sexo.” (FREUD, 1905, p.36)

O normal e patológico em uma perspectiva Pós-Freudiana.

Segundo Ceccarelli (2013) a falta de identidade nos condena a identificação mas que, os próprios processos identitários e/ou os discursos sobre a sexualidade foram criações de uma determinada cultura e esses, nunca refletem a verdade do sujeito pois levam em conta apenas as pulsões/desejos tido como valorizados e aceitos não contemplando as individualidades dos sujeitos. O autor pontua que os discursos sobre a sexualidade são construídos e modificados de acordo com os interesses dominantes e, de cada cultura ocorrendo pela igreja, pelo Estado ou pela ciência, como afirmou também a psicóloga Tatiana Lionço:

A sexualidade na era moderna foi objeto de intensa normalização, em que o suposto pecado cristão associado a práticas sexuais não matrimoniais ou não reprodutivas foi redirecionado para a lógica das aberrações sexuais descritas pela psiquiatria nas sociedades ocidentais. A prática da masturbação foi objeto de intensa repressão e a sexualidade infantil foi silenciada. Masturbação e sexualidade infantil são dimensões da sexualidade que desmentem ou questionam a sua intencionalidade meramente reprodutiva. (LIONÇO, 2012)

Ceccarelli (2013) em uma linha similar de pensamento a este, afirma que ninguém nasce sexuado sendo as relações com o outro as bases das construções identitárias e de sexualidade de cada um e que por nascermos sexualmente indiferenciados, nossos caminhos pulsionais e desejos não são então o fim, mas o ponto de partida da nossa força libidinal que não tem então um caminho predeterminado e/ou natural, normal. Assim critica o modelo Freudiano do sexo único que coloca o homem como viril e, a mulher como passiva.

Segundo o autor, foram os experts da medicina que começaram a definir as sexualidades legítimas ou não, a biopolítica pautada na ideia de perigo das relações sexuais sem casamento como perigosa, a gravidez indesejada, que levava ao aborto e ao assassinato de indivíduos dentre outros que deram margens e implantaram algumas sexualidades como perversas a exemplo da pederastia e sodomia que passaram a receber o nome de homossexualismo.

O surgimento da sexualidade atrelado ao surgimento de um problema.

Foucault (1975) indaga então, o porquê do movimento antimasturbatório do século XVIII se resumiu apenas ao ato da masturbação e não da sexualidade de uma forma geral? Explica com isso que, a sexualidade ainda não era uma questão a ser interrogada médica e interdisciplinarmente, ocorrendo tais interrogações a partir dos anos 1850. Além disso, chama a atenção que toda essa manifestação antimasturbatória era direcionada para crianças sobretudo,

adolescentes burgueses e não para pessoas que trabalhavam. O autor pontua que essa lógica funcionava não apenas sob uma ótica de moralização, mas de uma somatização da patologização de uma onda que conservava a ideia de que a masturbação provoca doenças secundárias a ela como doenças nos olhos, na medula espinhal, uma degeneração dos tecidos e etc.

Foucault (1988) afirma que, no início do século XVII havia ainda uma certa franqueza nas coisas, nas palavras, nas pessoas. A sexualidade não era tabu e motivo de vergonha, nem no gestos corporais, nem nas palavras nem na proibição entre conversas de adultos e de crianças mas, no século XIX com a força e legitimidade da burguesia vitoriana, a sexualidade se encerra, adentrando e permanecendo apenas dentro do espaço familiar e a função de reprodução. Com isso, é imposto o modelo e a norma a ser seguida e aqueles que não são regulados por ela, passam a serem visto como não dignos de lei e de direitos sendo reduzido ao silêncio, da negação do direito a fala, do que é decente ou não, o que representa a algo próprio da repressão. “[...] a repressão funciona, decerto como condenação ao desaparecimento, mas também como injunção ao silêncio, afirmação de inexistência e, conseqüentemente, constatação de que, em tudo isso, não há nada para dizer, nem para ver, nem para saber.” (FOUCAULT, 1988, p. 10) Assim, o autor aponta que apenas em alguns lugares de encontro como a casa da saúde e por pessoas como prostitutas, o psiquiatra e sua histérica, é que se é permitido falar e vivenciar a sexualidade sem interdição, inexistência e mutismo.

Segundo Foucault (1988) é possível compreender a repressão sexual do século XVII entendendo o contexto em que ela estava submetida: no capitalismo que, trabalhando intensamente com a exploração do trabalho não permitiria que as pessoas tivesse a energia e força para trabalhar sendo “desviada” para a realização de seus prazeres ao menos que fossem aqueles que estivessem, através do sexo, reproduzindo e dando assim uma continuidade para o próprio capital que passou a predominar intensamente.

De acordo com Foucault (1988) entre o século XVIII e XIX os discursos sobre o sexo passaram a ser vistos como algo necessário de se controlar, se preveni-lo e de proteger os sujeitos devido ao advento da dos discursos de doenças do nervo da medicina, da psiquiatria e de todo um conjunto do saber que envolvia a psicanálise e os estudos publicados por Freud sobre as perversões sexuais que assumia o significado do terreno da sexualidade e do sexo como um perigo. O que levou a colocar o sexo com condenação até o final do século XVIII foi o que o autor denominou como os três grandes códigos que regiam as práticas sexuais: o direito canônico, a pastoral cristã e a lei civil. Assim, quaisquer formas de prática sexual que não esteja

no modelo permitido dentro do casamento monogâmico e normativo era passível de condenação como para com as pessoas homossexuais e hermafroditas. Conforme apontado pelo autor, a medicina entrou nos prazeres do casal apontando práticas sexuais desviantes e incompletas e perturbações gerando toda uma forma de gestão sob eles.

De acordo com Foucault (1988) é desde o século XIX que se instaura então essa caça as perversões, primeiro com a perseguição as crianças, instalando dispositivos de segurança para a proibição dos seus “atos solitários”, de incestos e nasce toda a incorporação das perversões e a especificação de indivíduos através da formalização da categoria de homossexualidade que surge da transferência da prática de sodomia, escrita não só pela medicina mas também pela psicologia e pela psiquiatria. Conforme o autor aponta, como o sodomita tratava-se daquele que é reincidente de fazer o ato, o homossexual enquanto categoria classificatória dos indivíduos sugerem que são espécies e, sendo assim os psiquiatras do século XIX passaram a atribuir e dar vários nomes de batismo para os que compõem a categoria homossexual: Há os exibicionistas de Laségue, os fetichistas de Binet, os Zoófilos e Zooerastas de Krafft- Ebing, os automonossexualistas de Rohleder; haverá os mixoscopófilos, os ginecomastos, os prebiófilos, os invertidos sexoestéticos e as mulheres disparêunicas. (FOUCAULT, 1988, p.44) Desta forma, o poder que não estar na lei, mas sim na medicina, fez com que ela passasse a continuar a produzir e reproduzir espécies mesmo que não tenha existido ordem.

Segundo Foucault (1988) aponta que, foi a partir do século XVIII que se desenvolveram dispositivos de controle sobre os corpos iniciando então a perseguição infantil como prática de prevenção, a socialização das condutas de procriação impondo limites as práticas sexuais dos casais e a psiquiatrização do prazer perverso que colocou o instinto sexual como algo biológico e psíquico a fim ser controlado pelo saber médico e a estar suscetível a todo um conjunto de técnicas de tecnologia corretiva para as anomalias. Para o autor, o dispositivo da sexualidade funciona como o dispositivo de aliança que estrutura um sistema de regras que tem como seu principal objetivo reproduzir maneiras “legítimas” de relações e promover a manutenção de leis.

O dispositivo de sexualidade tem, como razão de ser, não o reproduzir, mas o proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global. (FOUCAULT, 1988, p.101)

Ao analisar o impacto do poder sobre a vida dos sujeitos, Foucault (1988) aponta que durante muito tempo, o direito de vida e morte foi um dos maiores privilégios do poder soberano

onde concedia a ideia do pai de família romano, o direito sobre a vida dos seus filhos e escravos, direito este inclusive de retirá-la quando quisesse, uma vez que lhes foi dado. Era a aprendizagem que se tinha sobre táticas de combate que o autor aponta como a instauração do princípio de poder matar para poder e viver, o que se tornou uma estratégia para os Estados. Assim, o genocídio como a exterminação de uma determinada raça ou espécie torna-se o sonho dos poderes modernos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para Freud todas as pessoas passam pelo complexo de Édipo, entre 4 a 13 anos e, a resolução desse para as meninas é desvincular a relação simbiótica com a mãe (uma relação homossexual) e se vincular ao pai e depois se desvincular do pai (porque senão seria incesto) para depois buscar uma outra figura paterna. Para os meninos, a resolução é desvincular da mãe e apaixonar-se por uma outra mulher (logo, continua a falar de uma relação heterossexual). Como e onde pensar as pessoas trans nesse contexto? A invisibilidade de travestis e mulheres trans nesse processo de maturação por si só já subjuga essas pessoas como doentes, uma vez que não passam por esse processo “normal”?

Diante disso, é compreensível que pessoas trans estejam constantemente adoecidas como disse o homem trans indiano Aditya Dutta (2019) sobre a grande angústia em sua vida que o levou a depressão ainda na adolescência, uma crise existencial do que é ser homem ou ser mulher. Entendendo-se como um homem em um corpo feminino, passou a fazer diversos experimentos consigo mesmo que problematizava a sua existência, quem ele era e, semelhante a que? Sem referências que pudesse leva-lo a uma possível transformação que adequasse seu corpo a sua identidade de gênero, ele passou a enxergar o outro como espelho, como semelhança afim de encontrar sua identificação mas quem é o outro? O homem cisgênero e heterossexual o que faz com que pessoas trans recaiam em outros problemas, a cisheteronormatividade compulsória.

Apesar das contribuições do psicanalista Paulo Ceccarelli quando faz uma releitura das obras do Freud como a possibilidade da não rotulação de uma homossexualidade contribuindo para que viemos a pensar em homossexualidades que abarca as diversas experiências e pluralidades dos sujeitos, seu texto ainda não alcança a diferenciação entre sexualidade e gênero, sendo necessário uma discussão da diferença entre sexualidade, gênero e sexo (que não

é apenas pênis e vagina) o que, sendo assim, provoca um apagamento sobre outras existências⁴: a invisibilidade dos intersex nas políticas de saúde que, por exemplo, questiona o sexo biológico de nascimento.

A história da sexualidade de Michel Foucault, apresenta-se como um texto escrito contra a perspectiva Freudiana de pensar a sexualidade inclusive sobre o entendimento de fixação, que essa apresenta ao colocar como possibilidade de análise do sujeito, o olhar para a cena dos primeiros anos de nossa vida. Para Foucault, isso não precisa ser uma chave, uma linha que der conta dos indivíduos. Na perspectiva Freudiana, o objetivo de olhar para trás então tem o intuito de buscar traumas, frustrações, recalques etc. A lógica é sempre olhar para trás e baseia-se na afirmação de que os desvios dos sujeitos são reduzidos à libido ou seja, a fonte e energias e impulsos⁵, o que faz Foucault enxergar como uma limitação do seu pensamento, sobretudo sobre os processos de subjetivação que estamos vivendo atualmente.

Foucault apresenta a lógica de poder como algo que é relacional e não unidirecional como apontado pela lógica Freudiana com o contrapoder havendo uma série de fatores como dispositivos de poderes para reprimir e adequar o sujeito a norma. Para Foucault (1988) a repressão produz uma série de fatores e, interessa-se muito mais por tais fatores. Assim, coloca a psicanálise na ciência sexual, que para ele é grande responsável para colocar um modelo central da sexualidade no mundo. É no século XVIII que se instaura a categoria homossexual que nasce a partir das ideias de sodomia.

Para Foucault (1988), a história da sexualidade nasce quando a sexualidade surge como um problema através do catolicismo e posteriormente pela medicina que não só contribui na reprodução da repressão sexual, mas cria formas, categorias para manter tal repressão. Dessa forma, a medicina com a legitimidade do poder sobre os corpos dos sujeitos permanece, em pleno século XXI, nas práticas hospitalares e laboratoriais, na execução exames e consulta sob os corpos de pessoas trans por exemplo, os corpos de homens trans, a não saber lidar com um órgão sexual tido como feminino que não tem penetração e/ou com o estranhamento de atender homens com vagina e que menstruam. Da mesma forma para com o não reconhecimento da

⁴ Para uma maior discussão sobre questionamentos emergentes da sociedade, sobretudo do século XXI sobre suas demandas que não são mais contempladas por um saber anterior, ver em: <https://www.youtube.com/watch?time_continue=3&v=HX6P6P3x1Qg&fbclid=IwAR1IufSjx5o09G-oUYZQat4MXi-YISOpb8ZHneaq742JBazZXXIwuVSAXZ0>. Acesso em: 09/05/2019.

⁵ A psicanálise Freudiana baseia-se na teoria da libido, o que fez causar inclusive a ruptura de Freud com seu discípulo Jung que reformulou o termo libido para uma concepção de energia mental e que apesar de acreditar na sua importância, não deveria ser levada única e exclusivamente como desvios dos sujeitos sem uma reflexão. Para ver mais, acessar: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2019/03/unidos-pelo-inconsciente-freud-e-jung-acabaram-separados-pelo-sexo.shtml>>. Acesso em: 09/05/2019.

importância da utilização do uso de nome social para travestis e transexuais como uma estratégia de acolhimento e permanência dessas pessoas no âmbito da saúde.

É comum ouvirmos do lado de grandes profissionais da saúde um discurso sobre desconhecimento para com as pessoas trans e, por isso a “culpa” do não reconhecimento ao nome social, a identidade de gênero e as especificidade de saúde das pessoas trans não seriam delas e deles mas sim, da falta de oportunidades de conhecer sobre a existência desses sujeitos. Interessante pensar também que só no ano passado a transexualidade sai do rol de doenças mas continua a estar submetida ao saber médico uma vez que ela é migrada para as condições relativas a sexualidade⁶, o que demonstra que o saber médico ainda não sabe nada ou minimamente de gênero, uma vez que coloca uma questão de gênero a sexualidade, tendo em vista que a identidade de gênero do sujeito não apresenta necessariamente ligação direta com a sexualidade.

Esquivá-la, barrar-lhe o acesso, mascará-la, são táticas locais que surgem como que em sobreposição, e através de um desvio de última instância, para dar forma paradoxal a uma petição essencial de saber. Não querer reconhecer ainda é uma peripécia da vontade de verdade. (FOUCAULT, 1988, p.55)

A questão se resume em: A VONTADE DE SABER, que o Michel Foucault aborda. A quem interessa conhecer, reconhecer, ensinar e legitimar a existência de corpos trans? A quem interessa retirar essas pessoas da marginalização ou esforçar-se para mudar a percepção existentes para com essas pessoas como agressivas, incapazes e/ou doentes? A inclusão e permanência de travestis e transexuais nos diversos espaços, poderão dar a ela o direito de falar ou escrever por si mesmas mas, até que ponto isso pode contribuir para uma visão positiva acerca dessa população?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Freud, subjetividades são construídas a partir do nosso desenvolvimento, sobretudo com o que nós sofremos que são exclusivamente a repressão e castigos. Para Foucault esses são elementos também fazem parte das nossas subjetividades mas essa repressão também é produtiva uma vez que, as pessoas que querem e que são reprimidas produzem outros saberes

⁶ No dia 18 de junho de 2018, a organização mundial de saúde retirou a transexualidade da categoria de doença contida anteriormente na classificação internacional de doenças-CID10 e, na nova revisão do CID 11, colocou a transexualidade na categoria de condição relativa a saúde sexual com a justificativa do benefício da migração proporcionar uma “inclusão” dos cuidados de saúde das pessoas trans. Ver mais em: < <https://www.mdh.gov.br/todas-as-noticias/2018/junho/organizacao-mundial-da-saude-retira-a-transexualidade-da-lista-de-doencas-e-disturbios-mentais>>. Acesso em: 08/05/2019.

pelo o que elas estão passando assim, a construção e manutenção do que somos é devido a uma política de controle que compartilha determinados valores e a partir disso vamos construindo e reconstruindo nossas subjetividades. Apesar desses pontos de desencontros na visão de ambos, relaciona-se o fato de as subjetividades serem um elemento que advém de um processo de construção social pois, a repressão, o nojo e a vergonha estão atrelados há um processo colonizador e civilizatório, o que dialoga com a perspectiva Foucaultiana do Biopoder.

Para se manter o estatuto da heterossexualidade ela precisa ser reafirmada cotidianamente a base de muita violência. Uma heterossexualidade compulsória que necessita da reafirmação da prática ou a menos do comportamento, no caso daqueles que são homossexuais mais que para se integrar a sociedade necessita ao menos comportar-se enquanto heterossexual. É de ciência que o caráter inato da homossexualidade já foi pesquisado por vários outros autores e nunca se encontrou uma conclusão que afirme tal caráter inato e genético⁷ sobre ela. Sobre a heterossexualidade não temos pesquisas reconhecidas no campo da sexualidade, sobretudo da medicina e psicanálise, que tenha provado algum caráter inato, genético e inato da heterossexualidade. Além disso, percebe-se que a permanência da heterossexualidade compulsória tem uma forte relação com o capitalismo. Para regular a população, necessita-se que as pessoas sejam monogâmicas e heterossexual, obtendo uma força de trabalho regulado.

REFERÊNCIAS

CECCARELLI, Paulo Roberto. **O que as homossexualidades têm a dizer à psicanálise (e aos psicanalistas)**. Bagoas. Estudos gays: gêneros e sexualidades, v.6, n.08, 28 fev. 2013, p.103-124.

COLLING, Leandro. Nem Pastor, nem geneticista: é a cultura, caralho!. **Ibahia blogs**. 5 fev.2013. Disponível em: < <http://blogs.ibahia.com/a/blogs/sexualidade/2013/02/05/nem-pastor-nem-geneticista-e-a-cultura-caralho/>>. Acesso em: 09/05/2019.

DRESSER, Sam. Unidos pelo inconsciente, Freud e Jung acabaram separados pelo sexo. **Folha de São Paulo**. 10 mar. 2019. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2019/03/unidos-pelo-inconsciente-freud-e-jung-acabaram-separados-pelo-sexo.shtml>>. Acesso em: 09/05/2019.

⁷ A discussão sobre a inexistência de um componente genético como determinante da homossexualidade tem sido utilizada por homofóbicos para justificar que a mesma é de caráter comportamental e que, sendo assim poderá ser curada e/ou modificada. Para ver mais sobre tal discussão, acessar: < <http://blogs.ibahia.com/a/blogs/sexualidade/2013/02/05/nem-pastor-nem-geneticista-e-a-cultura-caralho/>> Acesso em: 09/05/2019.

DUNKER, Christian. Homossexualidades ainda na estrutura perversa? I Christian Dunker I Falando n'isso 45. **Youtube**, 10 ago. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oApVL7p7cE8>>. Acesso em: 09/05/2019.

DUNKER, Christian. Por que há tanto ódio à homossexualidade? I Christian Dunker I Falando n'isso 10. **Youtube**, 3 abr. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oApVL7p7cE8>>. Acesso em: 09/05/2019.

DUTTA, Aditya. **Palestra**. Universidade Federal da Bahia-PAF 5. Salvador, Bahia. 4 de abril, 2019.

FILMES, Despertar. Quando sinto que já sei. **Youtube**, 29 jul. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?time_continue=3&v=HX6P6P3x1Qg&fbclid=IwAR1IufSjx5o09G-oUYZQat4MXi-YISOpb8ZHneaq742JBazZXXlWuVSAXZ0>. Acesso em: 09/05/2019.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade I: A vontade de saber**. Trad. M.T.C. Albuquerque e J.A.G. Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

FOUCAULT, Michel. Aula de 5 de março de 1975. IN: FOUCAULT, Michel. **Os anormais: curso no collège de France 1974- 1975**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p.201-229.

FREUD, Sigmund. *A sexualidade infantil*. IN: FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“o caso Dora”) e outros textos**. Companhia das letras. Obras completas volume 6. Trad. Paulo César de Souza. 1901-1905, p. 73-120.

FREUD, Sigmund. *As aberrações sexuais*. IN: FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“o caso Dora”) e outros textos**. Companhia das letras. Obras completas volume 6. Trad. Paulo César de Souza. 1901-1905, p. 20-72.

LIONÇO, Tatiana. **Transcrição da fala**. IX Seminário LGBT no Congresso Nacional. 9 de abril, 2012. Disponível em: <<http://jeanwyllys.com.br/acessivel/?p=3234>>. Acesso em: 07/05/2019.

MINISTÉRIO DA MULHER, DA FAMÍLIA E DOS DIREITOS HUMANOS. **OMS retira transexualidade da lista de doenças e distúrbios mentais**. 22 de junho, 2018. Disponível em: <<https://www.mdh.gov.br/todas-as-noticias/2018/junho/organizacao-mundial-da-saude-retira-a-transexualidade-da-lista-de-doencas-e-disturbios-mentais>>. Acesso em: 08/05/2019.

NASCIMENTO, Anisia. Michel Foucault Por ele Mesmo – (Michel Foucault Par Lui Même). **Youtube**, 21 abr. 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Xkn31sjh4To>>. Acesso em: 09/05/2019.

PSICANÁLISE e Humanidades. SIGMUND FREUD I “Análise de Uma Mente” I Documentário (Dublado e Legendado). **Youtube**, 17 jan. 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=y1dGzfQgNAA>>. Acesso em: 09/05/2019.